

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

OS LAÇOS DE FAMÍLIA EM PLUTARCO: *DE AMORE PROLIS* (496 A-C) – O AMOR MATERNO

Plutarco continua a apresentar provas que atestam o papel determinante da *physis* no afecto (*philostorgon*) dos seres humanos pelos seus filhos. Diferentemente do que sucedeu em passos analisados nos dois volumes anteriores desta revista¹, agora o autor focaliza a sua atenção num dos elementos da parilha dos progenitores: a mãe. Foi na própria forma dos seus corpos que a natureza encontrou maneira de tornar espontâneo o amor materno. Combatendo, uma vez mais, a tese tradicional, segundo a qual os animais racionais se distinguem dos irracionais por não nutrirem um amor natural e desinteressado pelos seus filhos (sentimento característico apenas dos segundos), o polígrafo de Queroneia apoia a defesa da sua posição em dois argumentos *naturais*: o processo de gestação e aleitamento do bebé; a condição física do recém-nascido.

O texto que proponho para reflexão diz apenas respeito a este último tópico. Porém, a leitura das considerações que o antecedem (*De amore prolis*, 495 C-496 A) sugere a adaptação física do corpo da mulher às funções da procriação e do parto. Embora Plutarco não entre em pormenores sobre esta matéria – que qualifica de *interdita* (*aporrêtos*), isto é, sobre a qual não considera *apropriado* (*axios*) nem *decente* (*euprepes*) falar – toma a produção e administração do leite materno como exemplo suficiente do empenhamento da natureza em dotar a mulher de características físicas ao serviço do bem-estar do bebé e do afecto que sente por ele.

Durante a gestação, o organismo prepara-se para a produção do alimento que fluirá naturalmente dos seios da progenitora, provendo o sustento do seu filho. Mas não se trata apenas de suprir uma necessidade básica. O próprio acto de amamentação vem apresentado como um processo natural de transmitir conforto e prazer ao bebé, através do contacto com os seios (496 A). No texto de seguida transcrito, o autor faz uma observação pertinente a propósito da anatomia feminina, aspecto que reforça a distinção entre seres humanos e animais. Também aqui a natureza dotou os primeiros

¹ Veja-se *Boletim de Estudos Clássicos* 46 e 47 (pp. 23-27).

de características físicas destinadas a proporcionar a tendência natural da mãe para amar os seus filhos. Ou seja, ao colocar-lhe os seios na zona do peito, permitiu-lhe manifestar e estreitar o afecto e a interacção emotiva com o lactente, que pode beijar, acariciar e abraçar, enquanto amamenta. Por contraste, nada disso é permitido aos animais, que têm os seios na região abdominal.

A evidência maior que o autor encontra da *philostorgia* (ou *philostorgon*) da mãe reside, no entanto, na própria condição física do recém-nascido. Apesar de este ver a luz da vida coberto de sangue e sujidade, assemelhando-se a alguém que acaba de ser morto, e de depender totalmente dos cuidados maternos para sobreviver, aquela que o carregou no ventre e sofreu para o trazer ao mundo sente o desejo (que se pode classificar de imediato e natural) de acariciar aquele ser ‘imperfeito, indefeso, nu, disforme e repugnante’ (496 B). Atentemos, pois, nas palavras de Plutarco.

Texto

Ἄλλα τούτων γε τῶν τοσούτων ἐπι τὴν γένεσιν ἐργαλείων καὶ τοιούτων οἰκονομιῶν καὶ φιλοτιμίας καὶ προνοίας οὐδὲν ἦν ὄφελος, εἰ μὴ τὸ φιλόστοργον ἢ φύσις καὶ κηδεμονικὸν ἐνειργάσατο ταῖς τεκούσαις.

Οὐ μὲν γάρ τί πού ἐστιν διζυρώτερον ἀνδρῶς
πάντων ὅσα² τε γαίαν ἐπι πνείει³ τε καὶ ἔρπει.⁴

τοῦτ' οὐ ψεύδεται λέγων ἐπι νηπίου καὶ ἀρτιγενούς. Οὐδὲν γάρ ἐστιν οὕτως ἀτελὲς οὐδ' ἄπορον οὐδὲ γυμνὸν οὐδ' ἄμορφον οὐδὲ μιαρὸν ὡς ἄνθρωπος ἐν γοναῖς ὀρώμενος· ὧ μόνῳ σχεδὸν οὐδὲ καθαρὰν ἔδωκεν εἰς φῶς ὁδὸν ἢ φύσις, ἀλλ' αἵματι πεφυρμένος καὶ λύθρου περίπλεως καὶ φονευομένῳ μᾶλλον ἢ γεινωμένῳ εἰκότως οὐδενός ἐστιν ἄψασθαι καὶ ἀνελέσθαι καὶ ἀσπάσασθαι καὶ περιλαβεῖν ἢ τοῦ φύσει φιλοῦντος. Διὸ τῶν μὲν ἄλλων ζώων ὑπὸ τὴν γαστέρα τὰ οὖθατα χαλᾶ, ταῖς δὲ γυναιξιν ἄνω γεγόνασιν περὶ τὸ στέρον ἐν ἐφικτῷ τοῦ φιλήσαι καὶ περιπτύξαι καὶ κατασπάσασθαι τὸ νήπιον, ὡς τοῦ τεκεῖν καὶ θρέψαι τέλος οὐ χρεῖαν ἀλλὰ φιλίαν ἔχοντος.

(*De amore prolis*, 496 A-C)

² Forma épica do neutro do plural do pronome relativo quantitativo ὅσος, ὅση, ὅσον.

³ Πνείω = πνέω.

⁴ Citação de *Ilíada*, 17. 446-447.

1. Aspectos morfológicos a destacar:substantivos:

- tema em vogal –ο:
 - neutro: ἐργαλείον, ἐργαλείου; ζῶον, ζώου; στέρινον, στέρινου;
 - feminino: ὁδός, ὁδοῦ.
- tema em vogal –α:
 - feminino: οἰκονομία, -ας; φιλοτιμία, -ας; πρόνοια, προνοίας; γαῖα, γαίας;
- tema em vogal –ι: φύσις, φύσεως;
- tema em oclusiva dental:
 - neutro: αἷμα, αἵματος; οὔθαρ, οὔθατος;
 - masculino ou feminino: φῶς, φωτός;
- tema em –σ:
 - neutro: ὄφελος, -ους;
- tema em –ρ: ἀνὴρ, ἀνδρός; γαστήρ, γαστρός;

adjectivos:

- triformes: νήπιος, -α, -ον; μιάρος, -ά, -όν; καθάρος, -ά, -όν; γυμνός, -ή, -όν;
- biformes:
 - tema em –σ: ἀρτιγενής, -ές; ἀτελής, -ές;
 - tema em –ο (regra geral são compostos): φιλόστοργος, -ον; κηδεμονικός, -όν; ἄπορος, -ον; ἄμορφος, -ον; περιπλέως, -ων (declinação ática).

pronomes:

- demonstrativos (οὗτος, αὕτη, τοῦτο; ἄλλος, -η, -ο; τοσοῦτος, τοσαύτη, τοσοῦτο; τοιοῦτος, τοιαύτη, τοιοῦτο);
- indefinidos (τις, τὶ; οὐδείς, οὐδεμία, οὐδέν);
- relativos (ὅς, ἧ, ὅ; ὅσος, ὅση, ὅσον)

flexão verbal:

- modo indicativo:
 - imperfeito activo (ἦν);
 - aoristo:
 - sigmático médio (ἐνειργάσατο);
 - atemático activo (ἔδωκεν);

- presente:
 - activo: (ἔστιν, πνείει, ἔρπει, χαλᾷ);
 - médio: (ψεύδεται);
- perfeito activo (γεγόνασιν);
- modo participípio:
 - presente:
 - médio (ὀρώμενος, φονευόμενος, γεννωμένω);
 - activo (λέγων, φιλοῦντος, ἔχοντος);
 - aoristo radical temático activo (τεκούσαις);
- modo infinitivo:
 - aoristo sigmático médio
(ἄψασθαι, ἀσπάσασθαι, κατασπάσασθαι);
 - aoristo sigmático activo (φιλήσαι, περιπτύξαι, θρέψαι);
 - aoristo radical temático médio (ἀνελέσθαι);
 - aoristo radical temático activo (περιλαβεῖν, τεκεῖν).

2. Conteúdos sintácticos mais relevantes:

- complemento de objecto desejado (ἐπὶ τὴν γένεσιν);
- complemento de lugar ‘para onde’:
 - preposição + caso (εἰς φῶς; ὑπὸ τὴν γαστέρα)
 - caso + preposição (que passa a ter acento recessivo: γαίαν ἔπι = ἐπί γαίαν);
- substantivação de:
 - adjectivo (τὸ φιλόστοργον, τὸ νήπιον);
 - participípio (ταῖς τεκούσαις, τοῦ φιλοῦντος, τοῦ ἔχοντος);
 Nota: participípios usados como substantivos, mas sem artigo definido a acompanhá-los: φονευμένω, γεννωμένω, ἐν ἐφικτῶ;
- grau comparativo de superioridade do adjectivo e 2º termo de comparação em genitivo (ὀζυρώτερον ἀνδρὸς);
- orações subordinadas:
 - participiais de valor circunstancial:
 - condicional: λέγων;
 - temporal: ὀρώμενος (a concordar com o sujeito ἄνθρωπος);
 - temporal causal: πεφυρμένος (...) εἰοκῶς.
 - comparativa (οὐδὲν γὰρ ἔστιν οὕτως ἀτελὲς... ὡς ἄνθρωπος);
 - consecutiva (ὡς τοῦ τεκεῖν...τέλος...ἔχοντος).

3. Proposta de tradução:

No entanto, não haveria nenhuma vantagem em todos estes processos físicos da gestação, em tamanho zelo, empenhamento e cuidados, se a natureza não tivesse dotado as progenitoras de amor e dedicação aos seus rebentos.

Pois na verdade nada há de mais miserável que o homem

*De todos os seres que vivem e rastejam em cima da terra*⁵.

Não são nenhuma mentira estes versos, se [o poeta] os diz a propósito de um bebé recém-nascido. Realmente nada há tão imperfeito, indefeso, nu, disforme e repugnante como o ser humano no momento em que nasce – o único ser a quem a natureza não proporcionou um caminho limpo em direcção à luz. Como, pelo contrário, se apresenta coberto de sangue e repleto de resíduos, assemelhando-se mais a alguém que foi assassinado do que a quem acaba de nascer, ninguém tem desejo de tocar-lhe, tomá-lo nos braços, beijá-lo e abraçá-lo, a não ser quem sinta por ele um afecto natural. É por essa razão que os seios dos restantes animais ficam sob a barriga, ao passo que às mulheres nasceram-lhes acima dela, no peito, num local que permite beijar, abraçar e acariciar o bebé, de tal modo que a finalidade de ter filhos e criá-los reside não na utilidade mas no amor.

CARMEN SOARES

⁵ Usamos a tradução de Frederico Lourenço (*Homero. Ilíada*, Lisboa, Livros Cotovia, 2005, vv. 446-447, p. 358).